

Laços e Desenlaces na Literatura

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Laços e Desenlaces na Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L144	Laços e desenlaces na literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-496-2 DOI 10.22533/at.ed.962192407 1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Teoria literária. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 801.95
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Qual seria a necessidade de ensinar literatura na atualidade? Por onde começar o processo de reflexão literária na escola? De que forma? Por que propor uma educação literária urgente?

As respostas para estas questões que abrem a apresentação desta coletânea podem ser encontradas nos vinte e sete capítulos que dão forma à obra, visto que todas as reflexões partem de diferentes concepções, embora tenham um único propósito: orientar o processo de formação dos leitores nas diversas trajetórias da narração. Assim, serão apresentados os sentidos que cada um dos trabalhos traz para o processo de formação dos leitores.

No primeiro capítulo são relatados os resultados da implementação de uma sequência didática realizada com estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No segundo capítulo o autor problematiza as questões de ensino e aprendizagem de literatura na contemporaneidade, seu espaço na sala de aula e propõe a realização de uma oficina de leitura literária com a finalidade de contribuir na ampliação dos perfis de leitores. No terceiro capítulo a literatura e a cultura são utilizadas nas aulas de língua estrangeira como sendo uma das muitas possibilidades de ensino.

No quarto capítulo são problematizadas as questões do gênero fantástico na arquitetura. No quinto capítulo, além de relatar e inspira outros docentes dos anos finais do ensino fundamental quanto ao uso do livro-jogo em sala de aula. No sexto capítulo discute-se a ideia de nação e identidade em uma abordagem comparativa.

No sétimo capítulo há a problematização do quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico. No oitavo capítulo parte-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. No nono capítulo há o apontamento das relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de *Blade Runner e Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo.

No décimo capítulo analisam-se, comparativamente, aspectos da obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. No décimo primeiro capítulo é feita uma análise sincrônica da ciberpoesia do web-poeta português Antero de Alda e o estilo Barroco, considerado como a primeira manifestação literária, genuinamente, brasileira. No décimo segundo capítulo analisam-se os poemas de José Craveirinha, poeta Moçambicano a partir da teoria da narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que trata como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente discutida nos estudos literários, apresentando como a imagem poética constrói-se pelo viés da linguagem.

No décimo terceiro capítulo aponta-se como memória individual e coletiva

exerce influência para construir uma identidade cultural e, por último, uma identidade nacional. No décimo quarto capítulo problematiza-se e compara-se a composição dos elementos do gênero fantástico nas obras *Aura*, de Carlos Fuentes e *A outra volta do parafuso*, de Henry James, levando-se em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino na tessitura dos contos. No décimo quinto capítulo discute-se as condições da representação feminina a partir do gênero carta.

No décimo sexto capítulo demonstra-se o erotismo nas principais personagens femininas da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. No décimo sétimo capítulo expõe-se uma investigação do *Teatro da Crueldade*, de Antonin Artaud em diálogo com o pensamento nietzschiano acerca do *Trágico* que, por sua vez, reafirma-se com e na presença do deus Dioniso. No décimo oitavo capítulo recuperam-se alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910 trazendo para discussão autores, peças, críticos e teóricos coevos.

No décimo nono capítulo analisa-se como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca*, 1985. Além disso, nos estudos da Análise do Discurso Literário, o posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem em um espaço conflitualístico. No vigésimo capítulo são expostos detalhes dos elementos poéticos que foram o fio condutor do experimento cênico evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. No vigésimo primeiro capítulo realiza-se uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, 1959, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, propondo uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira.

No vigésimo segundo capítulo aborda-se um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz - o Witkacy (1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. No vigésimo terceiro capítulo investigam-se as relações estabelecidas e os sentidos engendrados entre o conto *Entre santos*, 1896, de Machado e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano. No vigésimo quarto capítulo analisa-se um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que diz respeito à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, *Herr Hauptmann*, um oficial e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica.

No vigésimo quinto capítulo investigam-se as diferenças existentes entre o enredo do romance *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e da adaptação da obra para o primeiro episódio da série de TV Sherlock (BBC), intitulado “Um estudo em rosa”. No vigésimo sexto capítulo relata-se e analisa-se uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina Sociologia para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho,

São Paulo. E, por fim, no vigésimo sétimo capítulo abordam-se as formas de resistência da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma de suas obras poéticas.

Com a leitura de todos os vinte sete capítulos apresentados e organizados nesta coletânea algumas respostas serão produzidas às questões que deram as boas-vindas aos leitores desta coleção, pois somente assim é que será possível compreender os laces e desenlaces da leitura literária na formação de leitores.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR: UMA PROPOSTA VIÁVEL	
Camila Augusta Valcanover	
Elisa Maria Dalla-Bona	
DOI 10.22533/at.ed.9621924071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINAR E APRENDER LITERATURA HOJE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9621924072	
CAPÍTULO 3	24
LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Melina Xavier de Sá Morais	
DOI 10.22533/at.ed.9621924073	
CAPÍTULO 4	34
A (DES)CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA	
Aline Stefania Zim	
DOI 10.22533/at.ed.9621924074	
CAPÍTULO 5	43
A APLICAÇÃO DO “LIVRO-JOGO” EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9621924075	
CAPÍTULO 6	51
A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM <i>MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR</i>	
Cíntia Paula Andrade de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9621924076	
CAPÍTULO 7	59
A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA	
Henrique Carvalho Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9621924077	
CAPÍTULO 8	66
AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i> DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Ernane de Jesus Pacheco Araujo	
Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9621924078	
CAPÍTULO 9	77
<i>BLADE RUNNER</i> E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO	
Roseli Gimenes	
DOI 10.22533/at.ed.9621924079	

CAPÍTULO 10	89
DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE <i>CIDADES MORTAS</i> DE MONTEIRO LOBATO E <i>MALHADINHA</i> DE JOSÉ EXPEDITO RÉGO	
Elimar Barbosa de Barros	
José Wanderson Lima Torres	
DOI 10.22533/at.ed.96219240710	
CAPÍTULO 11	103
ECOS DO BARROCO NA CIBERPOESIA CONTEMPORÂNEA DE ANTERO DE ALDA	
Bruna Messias de Oliveira	
Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli	
Leonardo José Rodrigues	
Nádia Vieira Simão	
Pâmela Natiele Pereira Bispo	
Viviane Ellen Araújo Pereira	
Débora Cristina Santos e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.96219240711	
CAPÍTULO 12	111
ENTRE POESIA, VIAGEM E ESPAÇOS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes	
Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.96219240712	
CAPÍTULO 13	123
MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF	
Nilson Macêdo Mendes Junior	
DOI 10.22533/at.ed.96219240713	
CAPÍTULO 14	134
FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS EM <i>AURA</i> DE CARLOS FUENTES E <i>A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO</i> DE HENRY JAMES	
Danielli de Cassia Morelli Pedrosa	
Ana Lúcia Trevisan	
DOI 10.22533/at.ed.96219240714	
CAPÍTULO 15	145
RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: <i>RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ</i>	
Margareth Torres de Alencar Costa	
DOI 10.22533/at.ed.96219240715	
CAPÍTULO 16	151
O EROTISMO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> , DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Margareth Torres de Alencar Costa	
Thiago de Sousa Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.96219240716	

CAPÍTULO 17	160
A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISÍACA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD	
Rodrigo Peixoto Barbara	
DOI 10.22533/at.ed.96219240717	
CAPÍTULO 18	171
O TEATRO NATURALISTA EM PORTUGAL (1870-1910)	
Claudia Barbieri Masseran	
DOI 10.22533/at.ed.96219240718	
CAPÍTULO 19	181
A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE <i>UM MANICACA</i>	
Érica Patricia Barros de Assunção	
João Benvindo de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.96219240719	
CAPÍTULO 20	192
CONVERSAS DE UM POETA COLECIONADOR: A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR”	
Erika Camila Pereira dos Santos	
Cláudio Guilarduci	
DOI 10.22533/at.ed.96219240720	
CAPÍTULO 21	203
OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.96219240721	
CAPÍTULO 22	213
STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ – A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE	
Andrea Carla de Miranda Pita	
DOI 10.22533/at.ed.96219240722	
CAPÍTULO 23	221
UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA	
Iasmim Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.96219240723	
CAPÍTULO 24	232
A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO <i>O OFICIAL PRUSSIANO</i> , DE D. H. LAWRENCE	
Iêda Carvalhêdo Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.96219240724	
CAPÍTULO 25	241
<i>UM ESTUDO EM VERMELHO</i> VERSUS “UM ESTUDO EM ROSA”: ARTHUR CONAN DOYLE E UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
Wander Nunes Frota	
DOI 10.22533/at.ed.96219240725	

CAPÍTULO 26	251
“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES- TRABALHADORES	
Patricia Horta Lívia Bocalon Pires de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.96219240726	
CAPÍTULO 27	263
“CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	
Juliana Carvalho de Araujo de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.96219240727	
SOBRE O ORGANIZADOR	270
ÍNDICE REMISSIVO	271

MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF

Nilson Macêdo Mendes Junior

Universidade Federal do Piauí – UFPI, Centro de Ensino a Distância – CEAD, Teresina – PI

RESUMO: O presente artigo do autor tem como tema a memória, a identidade, nacionalismo étnico e cívico presentes na obra **Narrative of the life of Frederick Douglas, An American slave, written by himself** (1845), romance autobiográfico no qual o escritor afro-estadunidense descreve sua trajetória de vida desde suas primeiras memórias infantis, mas que na verdade expressam as memórias coletivas da comunidade negra de Maryland e na qual se encontrava inserido por compartilhar a mesma identidade. Essas memórias são as de seus sete anos de idade e que se estendem até o momento em que ele conseguiu escapar para o norte dos Estados Unidos. Para desenvolver as hipóteses aqui sugeridas foram usados os seguintes teóricos: BERGSON (1999), BHABHA (2013), CANDAU (2011), DUBOIS (1996), FANON (1967), GLISSANT (2006), HALL (2013), HAL-BWACHS (1990), LE GOFF (2003), McCRONE (2002). O objetivo é apontar como a memória individual e coletiva exerce influência para construir uma identidade cultural e por último uma identidade nacional. O trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica quantitativa e qualitativa

no campo da análise literária. O resultado estabeleceu as conexões entre memória, identidade e nacionalismo nas comunidades negras estadunidenses do séc. XIX através das slave narratives.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Identidade; Nacionalismo; Frederick Douglass; Narrativas Escravas.

MEMORY, IDENTITY AND ETHNIC AND CIVIC NATIONALISM IN NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF

ABSTRACT: The author's current paper has as its theme memory, identity, ethnic and civic nationalism present in Frederick **Douglas's Narrative of the Life, An American slave, written by himself** (1845), an autobiographical novel in which the Afro-American writer describes his life trajectory from his earliest childhood memories, but in fact, it expresses the black community's collective memories of Maryland and in which he was inserted by sharing the same identity. These memories are his seven year old ones and it extends until the moment in which he managed to escape to the north part of the United States. To develop the hypotheses suggested here, the following theorists were used: BERGSON (1999), BHABHA (2013),

CANDAU (2011), DUBOIS (1996), FANON (1967), GLISSANT (2006), HALL (2013), HAL-BWACHS (1990), LE GOFF (2003), McCRONE (2002). The objective is to point out how individual and collective memory exerts influence to build a cultural identity and finally a national identity. The work was developed through a quantitative and qualitative bibliographical research in the field of literary analysis. The result established the connections between memory, identity and nationalism in the black American communities of the 18th century through the slave narratives.

KEYWORDS: Memory; Identity; Nationalism; Frederick Douglass; Slave Narratives.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de estudo a memória, a identidade e nacionalismo presente na obra **Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave, written by himself** (1845), romance autobiográfico que descreve sua trajetória de vida desde suas primeiras memórias infantis que ele julga serem de seus sete anos de idade, já que ele não sabia sua data de nascimento exata, até o momento em que ele consegue escapar para o norte dos Estados Unidos, mais especificamente New Bedford, Massachusetts, levando consigo sua esposa Anna Murray. Em outubro de 1841 resolve assistir uma convenção abolicionista em Nantucket Island na qual é convidado a discursar e onde conhece William Lloyd Garrison que o incentiva a continuar discursando contra a escravização nos Estados Unidos.

Torna-se palestrante da Massachusetts Anti-Slavery Society, trabalho que o tornaria mundialmente conhecido. Abre e publica seu próprio jornal abolicionista **The North Star**, e como jornalista dele participou da cobertura da primeira convenção pelos direitos das mulheres em Seneca Falls em 1848. Fica também mundialmente conhecido pela sua infatigável luta por todos os tipos de liberdades, defende o direito dos trabalhadores, das mulheres, por justiça e obviamente pela liberdade dos seus irmãos de cativeiro.

No final da vida conhece Abraham Lincoln e se torna seu conselheiro, ingressando assim na vida política e conseqüentemente tornando-se servidor do governo, exercendo diversos cargos na esfera pública, sendo o último que ele ocupou antes de sua morte o de Ministro Geral para a República do Haiti.

Dado o tema e o contexto histórico para nosso trabalho, devemos ressaltar que o que nos motiva a dissertar acerca dessa obra e de seu autor é o total desconhecimento deles dentro da academia brasileira, sendo conhecido de uns poucos que militam com literatura americana e mais especificamente afro-estadunidense. Vislumbramos a importância da disseminação de seu trabalho, bem como de suas ideias dentro dos cursos de letras/inglês por todo o país, levando em conta que tanto sua obra quanto a elaboração teórica acerca dela servem de pilar canônico no seu país de origem.

A partir desse ponto, o trabalho insta em que ideias, objetivos e em que teorias

se fundamentam, abordam e se desenvolvem nossas ideias acerca do tema proposto acima. Tendo como objetivo apontar como a memória (seja coletiva ou individual) influencia as relações sociais dos atores na obra de Douglass, e a partir disso definir como ela constrói a identidade dos afro-americanos estadunidenses escravizados dentro do processo de escritura do autor (memória individual e coletiva), e explicar como a partir da memória individual que contém as memórias coletivas de uma comunidade ocorre o advento da sua origem, pertencimento e conseqüentemente construção uma identificação nacional.

Para tanto, usa-se as seguintes teóricas: Stuart Hall, W.E.B Du Bois, Benedict Anderson, David McCrone, Homi Bhabha, Édouard Glissant, Raymond Williams, Yi-Fu Tuan, Franz Fanon, Jacques Lacan, etc., e outras teóricas que possam adicionar informações relevantes a este trabalho, visto que o método de trabalho é dinâmico e flexível às adaptações ou alterações.

Primeiro discute-se como nos capítulos 1-8 da obra, Douglass descreve os processos antropológicos e sociológicos no séc. XIX de privação da memória biológica dos escravizados. Descreve ainda a percepção de sentir-se um animal ou coisa (reificação), a violência física e psicológica sofrida por ele e os seus irmãos de cativeiro, e de como através destas reminiscências eles construíram o sentimento de pertencerem a uma comunidade de sofredores, desumanizados e violentados na sua liberdade de escolha, isto forja um pertencimento étnico, já que todas as agruras descritas faziam parte da vida de um afro-estadunidense escravizado, e esse sentido de pertença gera um sentimento de nação, só que no caso dos negros estadunidenses sem o mito de origem.

Eu não tenho nenhum conhecimento exato da minha idade, nunca tendo visto qualquer registro autêntico que a contenha. De longe, a maior parte dos escravos sabe tão pouco de suas idades como os cavalos sabem as deles, e é o desejo da maioria dos senhores que conheço manter seus escravos assim ignorantes. **Eu não me recordo** de jamais ter conhecido um escravo que soubesse quando era seu aniversário. (DOUGLASS, 1973, p. 1, grifo nosso) (tradução livre minha)

Abre-se a segunda parte do trabalho citando a frase de abertura da obra de Frederick Douglass, relatando justamente na sua narrativa escrava autobiográfica, a sua falta de memória sobre o fato prosaico de não saber a sua data de nascimento, porém, sendo um escravizado fica patente que ser privado da memória biológica básica de nascer fora algo comum não somente para ele, como para todos os outros.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

Para explicarmos o que é memória nos estudos culturais começaremos citando uma definição bem simples que Candau (2011) usa nos conceitos preliminares do seu livro **Memória e identidade**, todo indivíduo é dotado de memória, com exceção daqueles que portam alguma doença, e que ela nada mais é do que uma complexa

ordenação neurobiológica.

Continuando nesta mesma vertente, podemos citar “Evoco, comparo minhas lembranças; lembro que por toda parte, no mundo organizado, julguei ver essa mesma sensibilidade surgir no momento preciso” (BERGSON, 1999, p. 12). Esse é o sentimento primário (percepção) contido na afirmação do nosso autor, pois ele usa na sua linguagem expressões próprias de alguém que está relatando, contando, narrando uma história: eu nasci, eu não sei exatamente, eu não me recordo, usando a primeira pessoa para narrar uma história que não é somente dele, é o narrador autodiegético que traz no seu discurso a intertextualidade do discurso de outras pessoas para sua narrativa oral, configurando um relato recuperado através da memória coletiva (HALBWACHS, 1990). Ao tentar lembrar, evocar, acessar sua memória individual e não conseguir, ele se sente um animal, pois só eles são inconscientes da lembrança do dia em que adentraram nesse mundo.

As imagens cerebrais geradas por esse fato não refletem no seu corpo e nem o incitam a agir para lembrar nas suas instâncias do seu sistema nervoso, nervos e cérebro, do fato essencial na vida de qualquer ser humano, pois nem o seu aniversário ou de qualquer outro escravizado tem uma data precisa, como ele mesmo enfatiza no final do excerto ao usar o verbo lembrar na negativa (eu não me recordo), que nós fizemos questão de grifar, para expressar a falta de capacidade dele ou de qualquer um dos seus colegas em precisar suas datas de nascimento, isso é o que Bhabha (2013) chama de alienação colonial da pessoa, isso é uma forma de negar a individualidade, decretar o fim da pessoa, Douglass expressa esse fim humano dos escravizados estadunidenses quando escreve o seguinte “As crianças brancas podiam saber suas idades, eu não entendia por que eu não poderia saber a minha” (DOUGLASS, 1973, p. 1) (tradução livre minha), para seu senhor ele era o Outro, e por isso privado de civilidade, era um outro tipo de diferença, um outro tipo de ambivalência (BHABHA, 2013) desumanizada, era a tentativa de reificação e equiparação aos bens semoventes (cavalos, mulas, vacas, porcos) e por isso ele não precisava saber sua idade exata, e como os animais, a sua idade e as dos outros negros da *plantation* eram calculadas através das estações do ano, fenômenos da natureza, ou eventos sociais ou de trabalho da fazenda.

Mas, quando falamos de memória também evocamos os fatos sociais e antropológicos envolvidos, pois, ela não é somente um evento ligado a nossa biologia, ela é também a nossa capacidade de criar imagens no nosso imaginário para que elas possam se engendrar no simbólico, e dependendo de nosso envolvimento sentimental com essas imagens, quem sabe chegar ao real e recriar o que foi vivido. Para tanto, é necessário analisarmos todo um cabedal de informações que nos chegam através das histórias passadas oralmente da coletividade para o indivíduo.

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada,

Halbwachs (1990) nos dá vários exemplos em uma tentativa de elucidar o que seria a memória coletiva para nós humanos. Citaremos seu exemplo do professor no exercício de sua profissão e seus diversos alunos e diversas classes, para os alunos todas as atividades e ações do mestre durante a execução de seu trabalho gerará um impacto nas relações sociais deles, pois, por terem aproximadamente a mesma idade quase sempre serão amigos fora da sala de aula e exercerão outras atividades juntos que não só assistirem as aulas, e por isso, comentarão a respeito do mestre gerando fortes ligações emocionais que resultarão em lembranças comuns a todos os alunos, para o professor aquele contato social só acontece naquele ambiente de trabalho, eles não são um grupo social permanente na vida dele, então, conseqüentemente não haverá uma lembrança a ser compartilhada.

Seguindo o raciocínio descrito acima, o açoitamento testemunhado pelo escritor de sua tia Hester, ato que faz parte de sua vida cotidiana, é uma experiência marcante para ser esquecida. Algo bastante comum à época e que refletia uma prática social de controle exercida contra os afro-estadunidenses que cometiam alguma falta na opinião dos seus senhores, controle exercido por seus feitores, ou pelas próprias mãos do senhor. Douglass reclama em vários pontos de seu texto da falta de humanidade para com seus irmãos de cativeiro e que para um negro estar errado bastava a sua cor de pele, “A todas essas queixas, não importa o quão injustas, o escravo nunca deveria dizer uma palavra. Coronel Lloyd não tolerava qualquer contradição de um escravo” (DOUGLASS, 1973, p. 18-19) (tradução livre minha).

Essas memórias coletivas ganharam a possibilidade de se cristalizar em palavras escritas (LE GOFF). Narrativas como a descrita acima, que antes eram passadas de um especialista da memória para outro através da oralidade (na tradição africana eram os griots ou akpalos), na forma escrita contribuem muito para que o conceito inicial de cultura como forma de vida global, já que a palavra deriva do verbo latino colo, eu moro, eu ocupo a terra, seu particípio é cultus e o futuro culturus, e que por extensão significa também eu cultivo o campo (BOSI, 1992), e por conta de uma melhor reconstrução histórica das tradições da tribo, seja introduzido na forma de uma ideia de identidade cultural comunal. Porém, foi Herder (1784-91) quem primeiro empregou o termo no plural (WILLIAMS apud HERDER, 2008), que desta forma convinha um novo significado que gerou um leque de aplicações para o termo, mais precisamente três: a) um estado mental desenvolvido, b) os processos desse desenvolvimento e c) os meios desses processos, o terceiro sentido é hoje em dia o mais aplicado, coexistindo muitas vezes conflituosamente com seus usos antropológicos e sociais (WILLIAMS, 2008).

O trabalho chama a atenção para a função de homem da memória, genealogista, historiador. Douglass assume esse papel quando passa a narrar sua história e a de

seu povo, pois, ele petrifica na escrita a cultura de seu povo. Leroi-Gourhan (1964 – 1965) classifica a memória em três tipos: específica, étnica e artificial. Sendo para ele ainda “[...] uma memória “étnica” que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas [...]” (LEROI-GOURHAN, 1964 -1965, aspas do autor, p. 269). É através de estabelecer as relações sociais étnicas que podemos começar a falar de identidade e de nacionalismo. O mito de origem que a priori é oral, mas que segundo Glissant (2006), é possível de ser reinventado através da poética da relação e do hibridismo cultural na escrita, e tal fato resulta na construção de uma identidade cultural.

Primeiro, falar-se-á da identidade cultural, que é estabelecida por um indivíduo pertencer a uma determinada cultura, etnia, raça, língua, religião e acima de tudo nação Hall (2003). A identidade no caso dos negros escravizados estadunidenses está pautada por uma vida difícil e desumana descrita em várias passagens do texto de Frederick Douglass. Várias formas de controle social são exercidas pelos senhores brancos para combater as mais diversas formas de resistência, se usa tanto da violência física quanto da violência psicológica para se obter o sucesso conseguir tal controle, a separação de membros da mesma família é um desses sistemas de controle social bastante comum à época, “Minha mãe e eu fomos separados quando eu era apenas uma criança, antes que eu a conhecesse como minha mãe” (DOUGLASS, 1973, p. 2) (tradução livre minha). Os negros para escaparem desse controle cantam, e eles o fazem para escapar momentaneamente de sua condição vexatória de prisioneiros.

Segundo W. E. B. Du Bois (2013) no seu **As almas da gente negra**, a identidade cultural que reúne todos os negros estadunidenses em uma só comunidade étnica é a cor da pele, ele nota que é diferente dos outros, como se ele estivesse fechado do mundo por um véu (negro), ele nascera nos Estados Unidos, mas não pertence a sociedade nacional branca americana. Ele se questiona por que Deus o fez um marginal, um estranho em sua própria casa, pertencente à Outra comunidade nacional (a negra) americana desumanizada e bárbara. Ele finaliza afirmando que o negro estadunidense tem na sua história a luta pela ânsia de conseguir sua humanidade autoconsciente, para com isso, sua dupla-consciência tornar-se uma só. A identidade do negro nos Estados Unidos é definida pelas violências físicas e psicológicas impostas a ele desde a época da sua vida de escravizado até a pós-emancipação. Podemos ainda focar nas relações sociais mantidas entre senhores e escravizados, elas eram baseadas na construção ambivalente da diferença. Mas, não a diferença baseada na binariedade branco/negro, ocidental/oriental, cristão/pagão. Elas são mais profundas e desgastantes, pois, se constroem na estereotipação da situação colonial (BHABHA, 2013). Uma situação psicologicamente diferente que nos reporta Fanon (1967) quando rebate um colega quanto ao complexo de inferioridade imputado ao colonizado, que na verdade esse complexo não passa de um desejo gerado pela demanda do colonizado de tomar o lugar do colonizador, e da neurose

do opressor e medo do Outro.

Continuando o pensamento, Bhabha (2013) interroga no terceiro capítulo do seu livro as identidades negras contidas na obra **Peles negras, máscaras brancas** de Franz Fanon (1967), levando em consideração a prerrogativa pós-colonial no campo social da ambivalência racial ou sexual e que tal situação se forja na luta de classes e cultura. O que para ele assume um cunho insolúvel, mas, que na verdade tem um fundo mais representado pela realidade social e pelo psiquismo do envolvidos. Esses fatores elencados levam a uma tomada de posição de ambos os lados, o que resulta em um deslocamento de uma das partes, neste caso por estar hegemonicamente em situação de assimetria e com seu poder de voz negado, o negro é deslocado e forçado a assumir uma identificação criada pelo logocentrismo europeu (CULLER, 1985), como pergunta Spivak (1996), pode ele como subalterno contar sua história e revelar sua verdadeira identidade, pois é o branco que fala por ele? A resposta é não. Na verdade gera um desejo, e o barramento deste, gera um sentimento de não pertencimento a Nação onde o negro habita.

Por isso, Bhabha (2013) questiona Franz Fanon quando ele escreve que a psiquiatria é uma técnica que visa permitir aqueles que contraíram uma doença psíquica não se sentirem como estranhos em seu ambiente. Esse é o sentimento que os negros vivem, primeiro os africanos e depois seus filhos, e mais ainda aqueles que são filhos de seus próprios senhores, situação que Douglass denuncia na seguinte passagem,

O boato que o meu senhor era meu pai, pode ou não ser verdade, [...] que os senhores de escravos terem ordenado que, e que por lei estabelecida, os filhos de mulheres escravizadas devem em todos os casos seguir a mesma condição de suas mães; (DOUGLASS, 1973, p.3) (tradução livre minha).

Fica patente nestas palavras a dupla entrada sugerida por Lacan (1982), já que o escravizado ficava psicologicamente abalado por não entender como seu suposto pai, que em tese deve cuidá-lo, pode trata-lo como qualquer outro negro, e além disso lucrar com sua exploração.

Para Fanon, tal mito do Homem e da sociedade é fundamentalmente minado na situação colonial. A vida cotidiana exhibe uma “constelação de delírio” que medeia as relações sociais normais dos seus sujeitos: o preto escravizado por sua inferioridade, o branco por sua superioridade, ambos se comportam de acordo com uma orientação neurótica. (BHABHA, 2013, p. 82)

Bhabha (2013) chama isso de entre-lugar, Hall (2003) chama de diáspora, isso força os africanos a não gostarem do lugar onde vivem, um conceito que Tuan (2012) sintetiza na palavra topofobia. Por se encontrarem em um ambiente acerbado e cruel, o escravizado desenvolve o desejo da errância quando entende sua situação de cativo, pois, ele anseia por um local onde não será violentado, a esse lugar vai dispensar um afeto, vai gostar de ficar nele, esse é o conceito de topofilia (TUAN, 2012). “O que é frequentemente chamado de alma negra é um artefato do homem branco” (FANON, 1967), o que ele quer dizer com isso é que a identidade negra

é uma criação do homem branco. Elas são criadas segundo a divisão psíquica de corpo e algo que fende as representações e articula o artifício da identidade.

Então, podemos concluir que a identidade do escravizado afro-estadunidense descrita na obra de Douglass é construída tendo como base os sofrimentos, as violências e o abismo social de ser o Outro na situação colonial, ela define também seu pertencimento de acordo com sua etnia, dessa forma eles constituem uma nação étnica dentro de uma Nação-Estado. São aqueles que apesar de terem nascido nos Estados Unidos não são estadunidenses, e tem que reivindicar sua nacionalidade cívica.

Mas o que queremos realmente depois de percorrer todo esse caminho é propor que ao se utilizar das memórias de violência e discriminação racial do seu povo, elas desembocam na cultura negra afro-americana, que ao seu passo é usada para poder definir-se como um só eu e escapar da ambivalência racista colonial, e com isso determinar sua identificação através de uma identidade comunitária e étnica afro-estadunidense. O passo seguinte é demonstra na obra como a nação étnica afro-estadunidense emerge destes processos sociais e antropológicos.

Antes de começarmos a falar do nacionalismo em Frederick Douglass, precisamos conceituar e entender o conceito de nação e nacionalismo. Iniciaremos colocando a definição de Hobsbawn (1990), que Nação é a comunidade e cidadãos de um Estado, vivendo sob o mesmo governo e com os mesmos interesses, é também uma coletividade de habitantes de um território com tradições, aspirações e interesses comuns, subordinados a um comando central.

A fazenda principal do coronel Lloyd tinha a aparência de uma aldeia país. Todas as operações mecânicas para todas as outras fazendas eram realizadas aqui. A fabricação e conserto de sapatos, a serralheria, reparo da madeira e fabricação das carroças, tanoaria, tecelagem e moinho, eram todos realizados pelos escravos na casa grande. (DOUGLASS, 1973, p. 12) (tradução livre minha)

Sob esse ponto de vista, a descrição feita da fazenda principal se assemelha em muito com uma Nação nos moldes da definição dada acima. Pode-se notar que ela é completamente autossuficiente em termos econômicos, produz todos os tipos de serviços e mercadorias também, esse é um fato muito comum nas Américas oitocentistas. E por último, o dono tem a figura análoga ao de um soberano de um país, pois tudo por ele é decidido, ele tem literalmente o direito de vida ou morte sobre os brancos e mais ainda sobre os negros.

Então, o sr. Gore sem consulta ou deliberação com qualquer outra pessoa, sem nem mesmo ter dado a Demby um aviso adicional, levantou a espingarda a altura do rosto, e fez uma mira mortal em direção da sua vítima em pé a sua frente, e em um instante depois o pobre Demby estava morto. (DOUGLASS, 1973, p. 25) (tradução livre minha)

O senhor Gore demonstra assim um verdadeiro poder político sobre os escravizados, pois além de matar, ele também fomenta a competição entre os escravizados no mesmo âmbito de uma eleição, como descreve o autor em uma

passagem na qual um escravo é escolhido para ser criado na casa grande, “Os concorrentes para tão desejado cargo muito diligentemente procuravam agradar seus feitores, como os requerentes de cargos nos partidos políticos procuram agradar e enganar o povo” (DOUGLASS, 1973, p. 13) (tradução livre minha). As comunidades nacionais presentes na narrativa do texto analisado por nós até agora são apresentadas por esse viés. Existe, no entanto, outra maneira de se definir uma nação, a comunidade nacional é imaginada no discurso para Anderson (1991), e que ela é uma produção de tradições inventadas para com isso se criar a noção de pertencimento.

Segundo Hall (2003), as tradições tidas como muito antigas em diversos países não passam de invenções para reunir sob signos nacionais diversos povos. Outra maneira de fazê-lo, é a tentativa de estabelecer uma identidade nacional através de um idioma. São conceitos presentes em muitos símbolos nacionais adotados pelo Estado-Nação: mapas, bandeiras, hinos nacionais, línguas oficiais, monumentos nacionais, culturas nacionais e que a questão da nacionalidade é um construto e algo flutuante (McCrone, 2002), que fomentam o nacionalismo étnico baseado nessa gama de símbolos nacionais. A partir do que foi dito anteriormente, procura-se demonstrar que esse tipo de nacionalismo é também representado dentro do texto, mais de acordo com um tipo de nacionalismo chamado de étnico. “No nacionalismo étnico, “nacionalidade” tornou-se um sinônimo de “etnia”, e de identidade nacional” (GREENFELD, 1992, aspas do autor p.12) (tradução livre minha).

Tanto da parte dos brancos quanto dos negros, suas nacionalidades dentro da obra são baseadas na cor de suas peles. Ela determina quem são os cidadãos superiores e os inferiores. Quem manda e quem obedece, e principalmente quem sofre por conta da cor de sua pele. Desta forma, as identidades originais tem que ser deixadas para trás, muitas vezes no navio negreiro, e aqui se inicia sua nova vida tendo que aprender um novo idioma, no caso dos Estados Unidos o inglês, e a partir dessa nova cultura criar uma identificação comum de pertencimento a uma comunidade, só que desta feita sem mito de origem. Eles devem ressignificar sua identidade cultural atávica em uma compósita ou crioula a partir de suas memórias étnicas e usando os seus rastros/resíduos culturais (GLISSANT, 2006).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas considerações finais são que através das memórias individuais que estão impregnadas pelo conhecimento de muitas pessoas, conceito de memória coletiva, as culturas são criadas e influenciadas tanto nas sociedades normais quanto nas sociedades coloniais, especialmente aquelas onde aconteceram as relações dos senhores com os escravizados. Depois de exemplificar que através da tentativa de privação da memória biológica, da amnésia, e de tentar barrar suas memórias com o intuito de psicologicamente desumanizar o negro, elas mesmo assim subsistem,

e de forma inversa do que se pode considerar normal, elas criam uma identificação nova que as leva a criar uma identidade cultural compósita, híbrida ou crioula. Essa memória passa pelas reminiscências das violências sofridas, o que resulta no estabelecimento de um grupo pautado e identificado com o sofrimento, com a tentativa de desumanização executada pelos brancos e que acontece com a perda de todas as suas liberdades, física e de poder decidir e escolher os destinos de sua vida. Todos esses fatores são os responsáveis por incitar dentro destes indivíduos a vontade de pertencer novamente a um grupo étnico, portanto, esse sentimento proveniente do sofrimento forja a ideia da nação étnica afro-americana escravizada estadunidense.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Imagined communities**: reflections on the origin and spread of nationalism. London - New York: Verso, 1991.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo, 1992.
- BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2013.
- CANAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CULLER, Jonathan. **On deconstruction**: theory and criticism after structuralism. Ithaca: Cornell University Press, 1985.
- DOUGLASS, Frederick. **Narrative of the life of Frederick Douglass, an American slave, written by himself**. New York: Anchor, 1973.
- DUBOIS, W.E.B. **The souls of black folk**. Disponível em: <www.gutenberg.net>. Acesso em: 22 dez. 2013.
- FANON, Frantz. **Black skin, white masks**. New York: Grove Press, 1967.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: EdUFJF, 2006.
- GREENFELD, L. **Nationalism**: five roads to modernity. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- HALL, Stuart. **A Identidade cultural na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- LACAN, J. Seminar of 21 of January 1975. In: MITCHEL, J., ROSE, J. (Ed). **Feminine sexuality**. London: Routledge & Kegan Paul: 1982. p.164.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: EdUnicamp, 2003.

LEROI-GOURHAN, A. **Le gest et la parole**. Paris: Michel, 1964-1965.

McCRONE, David. **The sociology of nationalism: tomorrow's ancestors**. New York: Routledge, 2002.

SPIVAK, Gayatri C. "Can the subaltern speak?". In: NELSON, Carry e GROSSBERG, Larry (Eds). **Marxism and the interpretation of culture**. Chicago: university of Illinois Press, 1988.

TUAN, Yi- Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: EdUEL, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 241

Análise 6, 20, 181, 182, 183, 186, 191, 241

B

Brasileira 5, 50, 102, 105, 169, 250, 263, 265

C

Cenografia 181, 184

Cinema 82, 86, 87

Cultura 33, 76, 86, 87, 121, 132, 133, 150, 180, 250

E

Educação de Jovens e Adultos 6, 251, 252, 253, 262

Ensino 6, 1, 2, 32, 43, 50, 66, 94, 102, 123, 251, 253, 262

Ensino Fundamental 1, 2, 43

Ensino Médio 6, 32, 251, 253, 262

Erotismo 151, 152, 159

Estético 150

Estudos 32, 105, 121, 174, 176, 180, 202

Experiência 194

H

Homoafetividade 232

I

Identidade 123, 132, 135

L

Leitura literária 13

Linguagem 161, 169, 191

Literatura 2, 6, 11, 13, 14, 23, 32, 33, 41, 50, 58, 59, 75, 76, 77, 86, 89, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 134, 136, 150, 183, 191, 203, 204, 240, 253, 254, 263, 265, 269

M

Memória 123, 125, 132, 150, 194

Monteiro Lobato 5, 89, 90, 94, 95, 96, 99

N

Naturalismo 171, 174, 180, 189, 190

O

Obra 116, 117, 119, 121

Oficina 19

P

Pensamento 106, 107, 193

Personagens 30, 151

Psicanálise 86, 87

Q

Questões 102

R

Romance 108, 171, 180

T

Teatro português 171

Texto 9, 10, 24, 34, 77

V

Vida 6, 160, 167, 203, 224

Violência 232

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-496-2



9 788572 474962